

HUMOR, MULTIMODALIDADE E HIBRIDISMO: ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DO GÊNERO GUIA

Ana Cristina CARMELINO¹⁸

Resumo: Este artigo busca refletir sobre os elementos que caracterizam o gênero guia da revista *MAD*. Para isso, examinam-se exemplos constantes das edições impressas desse periódico de 2010 a 2012. Os pressupostos teóricos que fundamentam nossas análises são os propostos por Bakhtin (2000), para quem os gêneros do discurso são enunciados relativamente estáveis, estabelecidos pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera da comunicação verbal. O estudo revela que os guias da *MAD* consistem em um subtipo do protótipo guia, por apresentarem características próprias, como a abordagem humorística e a composição multimodal e híbrida.

Palavras-chave: Guia ilustrado. Revista *MAD*. Humor. Multimodalidade. Hibridismo.

Abstract: *This article aims to reflect on the elements that characterize the guide genre of the MAD magazine. In order to do that we have examined examples present in the printed editions of this journal from 2010 to 2012. The theoretical assumptions underlying our analysis are proposed by Bakhtin (2000), for whom the discourse genres are utterances relatively stable, established by the specific conditions and the purposes of each sphere of verbal communication. The study reveals that the MAD guides consist of a subtype of the prototype guide, since they present particular characteristics, such as the humorous approach and the multimodal and hybrid composition as well.*

Keywords: *Illustrated Guide. MAD Magazine. Humor. Multimodality. Hybridity*

¹⁸ Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Vitória, ES, Brasil. E-mail: anacriscarmelino@gmail.com

Por que caracterizar gêneros?

Considerando-se, juntamente com outros estudiosos, que a caracterização de um gênero do discurso constitui um procedimento necessário (e louvável) na medida em que contribui para uma leitura mais aprofundada e crítica do fenômeno, este texto pretende tratar dos elementos envolvidos na construção do gênero guia da revista *MAD*. Os motivos que justificam o estudo são dois: o fato de não haver estudos sobre esse gênero e de os guias da *MAD* apresentarem certas peculiaridades.

Sabemos que o estudo dos gêneros não é tema recente, ao contrário, as características constitutivas dos textos e a tentativa de classificá-los em famílias são preocupações que remontam à Antiguidade – iniciada por Platão, a observação dos gêneros teve, na tradição ocidental, os gêneros retóricos e literários como principais objetos de estudo (BAKHTIN, 2000; MARCUSCHI, 2008).

Entretanto, atualmente, a noção de gênero ultrapassa os limites do campo literário, estendendo-se a qualquer “modelo de enunciado” construído no interior de cada campo de utilização da língua. Conforme salienta Maingueneau (2010), a categoria de gênero do discurso tem sido usada para descrever uma multiplicidade de variados tipos de enunciados produzidos em sociedade.

Com base nessas considerações e, especialmente, nos pressupostos teóricos sobre gênero propostos por Bakhtin (2000), as análises de exemplos constantes das edições da *MAD* brasileira de 2010 a 2012 revelam que os guias, graças a sua relativa estabilidade, consistem em um subtipo do protótipo guia, por apresentarem características próprias, como a abordagem humorística e a composição multimodal e híbrida. Características estas depreendidas do suporte onde tais gêneros são abrigados: uma revista de/com quadrinhos.

O gênero em Bakhtin

É fato que os estudos atuais sobre a linguagem, em todas as suas implicações, são influenciados de forma inescapável pelas reflexões de Bakhtin. Uma valiosa contribuição bakhtiniana e de seu Círculo é a teoria sobre os gêneros do discurso: nosso objeto de interesse neste artigo.

Bakhtin (2000), em “Os gêneros do discurso” (adendo em *Estética da criação verbal*), explica que o uso da língua vincula-se intrinsecamente às diversas esferas da atividade humana, as quais determinam a produção de certos enunciados. Esses enunciados, definidos como “relativamente estáveis”, são chamados de gêneros do discurso¹⁹. Escritos ou orais, os gêneros são construídos histórica e socialmente e determinados com características temáticas, composicionais e estilísticas, segundo o filósofo da linguagem. É o que podemos conferir em:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos [...] fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 2000, p.279).

O enunciado, convém esclarecer, corresponde à unidade real de comunicação verbal, portanto, sua circulação também ocorre em um contexto real. Nesse cenário, é preciso levar em conta o autor/falante, o leitor/ouvinte, o momento em que a fala/escrita foi produzida, a situação. Esse processo, tratado de interação verbal, faz com o produtor tenha sempre em mente um interlocutor, alguém não só a quem se dirige, mas também de quem recebe (de forma imediata ou não), uma resposta (atitude responsiva ativa).

Ao relacionar os gêneros do discurso às esferas da atividade humana, Bakhtin (op.cit.) evidencia sua posição quanto à constituição e ao funcionamento do gênero: que se liga mais a uma situação social de interação do que às propriedades formais. Sabemos, no entanto, ao considerarmos parte da citação acima (“seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais”), que o autor não despreza a forma, mesmo porque reforça essa ideia ao afirmar que “o estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso [...] em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações” (p.287).

¹⁹“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emana dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade

Em sua proposta, Bakhtin (op.cit.) ressalta também o papel do locutor (autor/falante) no uso e na construção dos sentidos, dado que, a nosso ver é de extrema importância na caracterização do gênero:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido) do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, *o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade*, adapta-se e ajusta-se na forma do gênero determinado (BAKHTIN, 2000, p.301 – grifo nosso)

Dadas essas explanações iniciais, tratemos agora mais especificamente das dimensões constitutivas do gênero, que são a natureza temática, a construção composicional e o estilo.

O *conteúdo temático* refere-se ao objeto do discurso, à finalidade discursiva. Desse modo, o tema é o que orienta o sentido para o próprio discurso e para os participantes da interação. A *composição* concerne ao tipo de estruturação do enunciado, ao modo de organizar o texto. É responsável, portanto, pelo acabamento da unidade de comunicação verbal, possibilitando ao interlocutor inferir a totalidade da estrutura do gênero. O *estilo*, vinculado a unidades temáticas determinadas e a unidades composicionais, diz respeito ao uso típico dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.

Em particular, no que tange ao estilo, se ele está indissolivelmente ligado ao enunciado (que é gênero) e reflete, segundo Bakhtin (op.cit.), em qualquer esfera da comunicação, a individualidade de quem fala ou escreve, o gênero naturalmente possui um estilo individual. No entanto, o filósofo destaca que nem todos os gêneros do discurso são propícios a refletir esse estilo: os mais favoráveis à expressão da individualidade são os gêneros literários e artísticos, visto que o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo. Os gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, como os da comunicação cotidiana, por sua vez, são menos propícios à individualização.

humana. [...] cada esfera da atividade humana elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2000, p.279).

Todas essas considerações são de fundamental importância para entendermos como se caracteriza o guia ilustrado da *MAD*, gênero abordado neste texto.

Guia da revista *MAD*: análise de um gênero humorístico, híbrido e multimodal

Antes de tecermos qualquer comentário específico sobre o guia ilustrado, é necessário tratar, para fins de contextualização, da revista *MAD*, suporte que abriga o gênero em questão.

A revista de quadrinhos norte-americana *MAD*²⁰ foi criada em 1952 por Gaines e Kurtzman e tinha como propósito difundir um humor anárquico jamais visto. Publicada no início pela EC Comics e, depois, pela DC Comics, essa revista humorística traz como ingredientes fundamentais a sátira ácida e impiedosa a todos os aspectos da cultura popular americana.

Com o decorrer do tempo, a *MAD* tornou-se um sucesso. Dado que pode ser conferido não só pelo fato de a revista se sustentar no mercado durante 60 anos (completados em outubro de 2012), mas também por ter recebido versões em quase vinte países, ainda que atualmente seja publicada apenas em alguns: Alemanha, Austrália, África do Sul, Estados Unidos, Brasil, Espanha, Finlândia e Hungria.

No Brasil, a primeira publicação da *MAD* foi em 1974, editada por Otacílio d'Assunção Barros (conhecido como Ota). A versão brasileira – que só obteve êxito depois que começou a mesclar material nacional às traduções e adaptações (isto é, a partir do n. 16) – passou por quatro editoras ao longo de sua história: Vecchi (1974-1983), Record (1984-2000), Mythos (2000-2006) e Panini (desde 2008). A que nos interessa é a última série, editada por Raphael Fernandes.

Ao examinar a *MAD* brasileira, Carmelino (2011) tem observado que a revista apresenta certos elementos que requerem comentários. Dentre eles, destacam-se: a) a arte, produzida inteiramente em cores e com qualidade artística; b) o humor, que se apresenta como tosco, agressivo, irreverente, inteligente e subversivo; e c) a diversidade de gêneros discursivos, dos quais alguns são fixos (como o editorial e a carta de leitor) e outros

²⁰ Para maiores informações sobre a *MAD*, veja-se Ficarra (2012). Lançada em comemoração aos 60 anos da *MAD*, essa obra traz dados sobre a origem da revista, além de trabalhos dos escritores e ilustradores que fizeram parte de sua história – o "grupo habitual de idiotas", como eles costumam se autodenominar.

esporádicos (como é o caso do guia ilustrado). Esta última característica leva a entender que *MAD* brasileira não se constitui uma revista específica de quadrinhos, como a versão americana, mas uma revista com quadrinhos.

No que concerne ao guia ilustrado da *MAD*, objeto de estudo deste artigo, observamos que não se trata de um gênero discursivo simples de se caracterizar em virtude de uma série de especificidades que ele apresenta. Desse modo, comecemos por entender o que vem a ser “guia”.

O gênero guia consiste em uma “publicação de instruções ou orientações sobre algum assunto particular ou serviço” (BORBA, 2002), cujo propósito é, segundo entendemos, orientar a realização de uma ação ou várias ações (a partir de normas, dicas ou conselhos), prescrever comportamentos ou ensinar sobre um assunto específico. Nesse sentido, nos moldes de Bakhtin (2000), o cotidiano é a esfera na qual esse gênero circula e seu estilo é o de uma instrução.

Por sua vez, o guia ilustrado da revista humorística *MAD* é um subtipo do protótipo guia, visto que apresenta características próprias, como a abordagem humorística, a composição multimodal e híbrida depreendida pelo uso da linguagem dos quadrinhos. Recursos típicos do suporte onde o gênero é publicado: uma revista com quadrinhos. Desse modo, ainda que Bakhtin (op.cit.) tenha observado que os gêneros da comunicação cotidiana sejam mais padronizados e, portanto, menos propícios à individualização, não é o que acontece com o guia aqui analisado.

Partindo dessas considerações preliminares e de uma análise dos números da *MAD*, edições impressas no Brasil de 2010 a 2012, encontramos quatorze (14) exemplos de guias ilustrados. Ainda que não constitua um gênero fixo na revista, como já dito anteriormente, a quantidade é significativa para dizer que o guia é uma constante, um gênero do qual a *MAD* lança mão para consolidar seu diversificado repertório genérico.

Dos exemplos encontrados, por configurarem-se de forma distinta, em virtude de apresentarem ou não ações temporalmente subsequentes, observamos dois tipos de guia, a saber:

a) sequência de ações não cronológicas

n.º	GUIAS	MAD
1	O guia completo dos piores monitores dos acampamentos de férias	(n. 22, jan. 2010, p.26-27)
2	Guia MAD para sobreviver ao Carnaval	(n. 23, jan. 2010, p.38-39)
3	Guia escolar MAD para evitar o Bullying	(n. 31, out. 2010, p.40-41)
4	Guia ENEM fodendo	(n. 34, jan.2011, p.31)
5	Guia para sair campeão de um reality show	(n. 35, fev.2011, p.40-41)
6	Guia MAD para carreira de pedinte	(n. 38, mai.2011, p.20-21)
7	Guia MAD da mesquinharía moderna	(n. 38, mai.2011, p.26-27)
8	Guia MAD para disfarçar espinhas	(n. 39, jul.2011, p.26-27)
9	E aí? Como faço pra me virar na balada?	(n. 40, ago.2011, p.22-23)
10	Como fazer uma novela dazoitu de sucesso?	(n. 42, out.2011, p.34-35)
11	Guia MAD do hipster	(n. 47, abr.2012, p.24-25)
12	Guia MAD para Smartphone	(n. 52, out.2012, p.13-15)

Figura 1 - Guias que correspondem à sequência de ações não cronológicas

b) sequência de ações cronológicas

n.º	GUIAS	MAD
1	Guia MAD das pulseirinhas do sexo	(n. 26, mai.2010, p.22-23)
2	Como montar uma banda sem sair de casa	(n. 42, out.2011, p.30-31)

Figura 2 - Guias que correspondem à sequência de ações cronológicas

A título de ilustração, abaixo citamos um exemplo de cada tipo.

(1)



Figura 3 - Guia MAD da mesquinha moderna (FÉLIX, MAD, n. 38, p.26-27, mai.2011)

(2)



Figura 4 - Como montar uma banda sem sair de casa (AMORIM, MAD, n. 42, p.30-31, out. 2011)

Como se observa, tanto no exemplo (1) quanto no (2), as ações aparecem organizadas em quadros enumerados (1 a 3, figura 1, e 1 a 4, figura 2). No entanto em (1), o encadeamento das ações é aleatório, ou seja, não se considera o eixo do tempo. Já em (2), o encadeamento das orientações apresenta uma sucessão temporal, organizando-se em início, meio e fim, como ratificam os marcadores temporais de sequência: “**Inicialmente**, baixe toneladas de shows e álbuns de sua banda ou músico preferidos...” (cena 1), “**Depois de quinze minutos de xilique**, sozinho na sala, tranque-se no quarto e coloque seus pensamentos desconexos em uma folha de papel...” (cena 2 – grifos nossos) e “**Depois de** intermináveis versinhos podres...” (cena 3 – grifos nossos).

Ao analisarmos os guias ilustrados da *MAD*, verificamos que é possível caracterizá-los com base nos pressupostos de Bakhtin (2000), a saber: todo gênero relaciona-se a uma esfera, tem um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional. Vejamos esses elementos mais especificamente.

Esfera da atividade

Sendo o guia ilustrado publicado na revista *MAD*, a esfera na qual ele circula é a humorística. Nesse caso, a situação social de interação compreende um autor extremamente irreverente (muitas vezes irônico, agressivo e até mesmo tosco) que se dirige diretamente ao leitor jovem (e adulto) da revista, também irreverente.

O humor pode ser visto tanto nas orientações e instruções quanto nas imagens que servem ora de ilustração às ações propostas ora de complementação das informações enunciadas verbalmente. Podemos observar claramente tais considerações retomando uma cena das figuras mencionadas anteriormente.

(3)



Figura 5 – Cena 3 do “Guia MAD da mesquinheria moderna” (FÉLIX, *MAD*, n. 38, p.26, mai.2011)

No exemplo (3), cena 3 da figura 5, o humor deve-se à articulação entre os signos verbais escritos e os signos não verbais. Na construção do sentido do cenário, complementam-se a imagem (homem sentado em uma mesa de restaurante sem acompanhante que faz cara de cínico ao receber a conta do garçom) e os enunciados “Nunca pague a conta: o casal moderno divide tudo, inclusive a mesquinhez, deixe a conta com seu acompanhante!” (que aparece logo acima da imagem) e “Mas você veio aqui sozinho!”²¹ (fala envolvida pelo balão).

Como geralmente acontece em textos humorísticos (em especial em piadas e quadrinhos, exemplo em questão), o gatilho do humor está na quebra de expectativa obtida no desfecho inesperado a partir da fala “mas você veio aqui sozinho!”. Da cena, infere-se que o personagem (extremamente mesquinho) comeu e quer deixar a conta para sua acompanhante pagar, no entanto ele não está acompanhado, está sozinho. Pelo conhecimento de mundo, sabemos que não há novidade no fato de “um mesquinho” se recusar a pagar a conta. O insólito está no fato de deixar que a conta seja paga por um acompanhante inexistente.

²¹ Grifos do autor.

(4)



Figura 6 - Cena 4 do guia “Como montar uma banda sem sair de casa” (AMORIM, MAD, n. 42, p.30, out.2011)

No exemplo 4, cena 4 da figura 6, o humor é deflagrado especialmente pelo exagero, que pode ser conferido na orientação verbal “Perca o tempo que precisar cuidando do seu visual, pois música é atitude! Prefira sempre as atitudes desesperadas e escolha as camisetas de quando era bebê e que sua avó ainda tem guardadas. Elas te deixam com um ar mais jovial e o umbigo de fora. Não esqueça de raspar a pentelheira que sobe pela barriga, afinal é a primeira coisa que suas fãs irão olhar (provavelmente a última também), seu barrigudinho miserável!”, bem como na ilustração caricata que busca refletir/espelhar a orientação.

Os exemplos citados evidenciam que no cerne da interação está o compartilhamento informacional. O sentido de cada um dos enunciados que compõem os guias depende do contexto e da interação entre os sujeitos autor e leitor. Sem o conhecimento prévio de quais são as atitudes comuns aos mesquinhos, que, atualmente, as pessoas têm o hábito de dividir contas (exemplo 3), e do modo como geralmente os integrantes jovens de bandas de sucesso se vestem (exemplo 4), a construção do sentido dos guias fica comprometida.

Considerando-se, juntamente com Cícero (1966 apud SKINNER, 2002, p.19-20), que a hilaridade deve-se à inconveniência (moral ou física) e à forma como se abordam os “vícios visíveis no comportamento das pessoas” ou a “feiura e deformidade física”, as instruções humorísticas contidas nos guias são:

a) exageradas:

(5) “Faça o que mandarem com vontade e felicidade. Se precisar se vestir de coelhinho, vista-se. **Se precisar esfregar gelo com uma esponja, esfregue. Se tiver que comer cocô de dinossauro, coma. Se tiver que comer a Ariadna**, com... bom, aí cabe a você decidir” (FREUNDT; RAMOS. Guia para sair campeão de um reality show, *MAD*, n. 35, p.41, fev. 2011– grifos nossos)

O exagero, como se pode notar, leva ao cômico na medida em que aproxima os conselhos ao que Propp (1992, p.91) chama de grotesco, caso em que o exagero “extrapola completamente os limites da realidade e penetra no domínio do fantástico”, como em “Se tiver que comer cocô de dinossauro, coma”.

b) irônicas e críticas

(6) “**Confie nas autoridades!** Afinal eles são o cérebro por trás do famigerado teste” (JACKSON. Guia ENEM fodendo, *MAD*, n. 34, p.31, jan. 2011 – grifos nossos)

Sabendo-se que por meio da ironia diz-se algo positivo, pretendendo expressar o contrário (algo negativo), na instrução acima – que faz alusão à edição de 2011 do pré-teste do Enem, Exame Nacional de Ensino Médio, o qual gerou grande polêmica por causa do vazamento de questões – o que se pretende dizer é que “não se deve confiar nas autoridades!”, porque o modelo do sistema de avaliação do ensino brasileiro é falho.

Conteúdo temático, estrutura composicional e estilo

O propósito comunicativo de qualquer guia é orientar a realização de uma ação ou várias ações a partir de normas, dicas ou conselhos, prescrever comportamentos ou instruir sobre um assunto específico. A relação estabelecida entre os parceiros da interação é a de orientar (autor/falante) e ser orientado (leitor/ouvinte). No caso dos guias ilustrados, pelo fato

de circularem na esfera humorística, acrescentam-se às orientações e instruções o tom de zombaria.

O conteúdo das instruções dos guias varia entre o descabido, quando o autor propõe ao leitor uma orientação inapropriada ou mesmo impossível, e a denúncia, quando as instruções revelam, de forma chistosa, comportamentos, práticas sociais arraigadas, modos de ser e estar na sociedade. Vejamos alguns exemplos:

(7) “O jorrar de pús (sic) pode ser algo constrangedor, bem, então que seja para seus inimigos. Use essas pequenas erupções de meleca como uma arma contra o bullying, projete os jatos de gosma fedorenta em direção dos malfeitores” (JACKSON. Guia MAD para disfarçar espinhas, *MAD*, n. 39, p.26, jul.2011).

(8) Já que a lei proíbe que se escreva no smartphone enquanto se dirige, seria de bom tom usar o tempo que se perde no trânsito para ver vídeos no YouTube” (HAMILTON; KEIL. O guia MAD para smartphones, *MAD*, n. 52, p.14, out.2012).

(9) “Seja sarado/sarada/gostoso/gostosa”; “Deixe seu QI do lado de fora do programa”; “Não chegue dando cantadas em todas as garotas. Se você realmente estiver afim [sic] de se relacionar dentro da casa, é melhor estudar sua presa antes de se relacionar.” (FREUNDT; RAMOS. Guia para sair campeão de um reality show, *MAD*, n. 35, p.41, fev. 2011)

(10) “Nunca esqueça: a cueca tem dois lados!”; “Saquinhos de chá, filtro de café, papel higiênico, tudo pode ser usado duas vezes” (FÉLIX. Guia MAD da mesquinharria moderna, *MAD*, n. 38, p.27, mai. 2011).

Os excertos (7) e (8) ilustram que o conteúdo proposto nas orientações dos guias não deve ser levado a sério, haja vista a inadequação (e inconveniência) de estourar espinhas em inimigos para disfarçá-las (7) e ver vídeos no youtube no momento em que se está no trânsito, dirigindo (8). Os fragmentos (9) e (10) singularizam indivíduos pertencentes a certo grupo, denunciando modos de ser, agir e pensar, como é o caso de participante campeão de reality show (que deve ser musculoso, bem delineado fisicamente, ignorante, prudente, divertido,

pau-mandado) e o avarento (desvelado em suas atitudes de extrema economia, como reutilização de saquinhos de chá, filtro de café, papel higiênico e até mesmo cuecas sujas).

Sabemos que o humor é uma forma de captação de afeto dos ouvintes em busca do sucesso na argumentação. Sendo um guia humorístico, em termos de finalidade discursiva, o gênero em análise se molda por princípios bem nítidos: tem sempre caráter social, mostra uma intenção, dirige-se a um leitor específico objetivando um fim persuasivo. Mais do que divertir, ele pode revelar-se como forma de liberação e denúncia. Liberação porque muitas vezes rompe com a proibição e a censura social (exemplo 5), e denúncia porque pode escancarar muitos comportamentos que não são admitidos pelas normas sociais explícitas, mas que são praticados graças à dissimulação, à hipocrisia e à conivência social dos sujeitos que agem na sociedade. (exemplo 6)

Os temas abordados, como se observa pelos títulos atribuídos aos guias, são de ordem diversa, uma vez que se referem a: acontecimentos (Enem e carnaval), situações (fazer bullying, uso de pulseirinha de sexo e uso de smartphone) e tipos (monitor de acampamento, mesquinho, campeão de reality show, hipster, pedinte, integrante de banda de sucesso, ator/autor de novela das oito). Convém ressaltar que, em todos os casos, os temas são explorados de forma estereotipada, tendo em vista a construção de imagens coletivas, cristalizadas e rígidas (geralmente negativas) que resultam de expectativas, hábitos de julgamento ou falsas generalizações recorrentes na sociedade de uma pessoa, grupo ou de um assunto (cf. PIERROT; AMOSSY, 2001).

Em termos de estrutura composicional, é preciso destacar que os guias podem ocupar de uma a cinco páginas da revista. A quantidade de orientações/instruções contidas em cada guia varia de três a dez. Quanto à configuração dos dados, as orientações não se dispõem numa ordem rígida. Embora haja exemplos em que o passo a passo se apresente de forma enumerada (exemplos 1 e 2, citados acima), isso não é regra. Há guias em que as instruções aparecem distribuídas livremente nas páginas, como é o caso de “Guia MAD para disfarçar espinhas” e “E aí? Como faço pra me virar na balada?”, como podemos conferir em:

(11)



Figura 7 – “Guia MAD para disfarçar espinhas” (JACKSON, *MAD*, n. 39, p.26, jul.2011)

(12)



Figura 8 – “E aí? Como faço pra me virar na balada?” (JACKSON, n. 40, p.23, ago.2011)

No geral, a estrutura composicional dos guias vincula-se diretamente ao estilo da revista *MAD*, uma revista com quadrinhos. Nesse sentido, além de multimodais, já que mesclam elementos linguísticos e não linguísticos, os guias ilustrados são híbridos, porque contemplam características do gênero guia e dos gêneros dos quadrinhos.

A multimodalidade pode ser entendida como a associação, no texto, de signos de natureza distinta (cf. KRESS; LEEUWEN, 1996, 2001). O gênero multimodal, portanto, é aquele que se apresenta materializado por diferentes signos, como palavras, figuras, traços, cores, textura, movimento, forma, entonação de voz, expressão fisionômica, entre outros. Para se compreender os guias ilustrados da *MAD* não é possível levar em conta apenas as instruções verbais, visto que elas coocorrem com outros signos de extrema relevância no processo de construção do sentido do texto. Tais considerações ficam claras quando se retomam os exemplos mencionados.

O exemplo (3), especificamente a cena 3 do “Guia MAD da mesquinha moderna” (FÉLIX, *MAD*, n. 38, p.26, mai.2011), demonstra claramente isso: a construção do sentido (no caso humorístico) depende dos enunciados verbais escritos (“**Nunca pague a conta**: o casal moderno divide tudo, inclusive a mesquinhez, deixe a conta com seu acompanhante!” e “Mas você está sozinho!”), dos destaques que expressam tom de voz (negrito em “**Nunca pague a conta**” e negrito e grifo em “sozinho”) e da figura (homem sentado em uma mesa de restaurante sem acompanhante que faz expressão fisionômica de cínico ao receber a conta do garçom; garçom com expressão de irritado).

O hibridismo ocorre quando há uma mistura de dois gêneros, na qual um sempre está a serviço do outro, sendo que o gênero principal preserva sua função socio-historicamente constituída. Nesse sentido evidencia-se uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero. Como exemplo, vejamos o “Guia MAD do hipster” (FÉLIX, *MAD*, n. 47, p.24, abr.2012). *Hipster*, a título de esclarecimento, é uma palavra inglesa usada para descrever um grupo de pessoas, em geral jovens, com estilo próprio e que habitualmente inventa moda, determinando novas tendências alternativas²².

²² O termo deriva de “*hip*”, um adjetivo inglês usado desde a década de 1940 com o significado de “descolado” ou “inovador”, designando os jovens brancos e ricos que imitavam o estilo dos negros do jazz. No início de 2000, a palavra surgiu para classificar um grupo de pessoas com idade entre 15 e 25 anos, geralmente de classe média, que combina peças de roupa de estilo moderno e vintage, compondo um *look* original. Para criar o estilo extravagante, os hipsters resgataram alguns

(13)



Figura 9 – “Guia MAD do hipster” (FÉLIX, *MAD*, n. 47, p.24, abr.2012)

Assim como os demais casos citados, no exemplo acima é possível observar além das características do gênero guia as dos gêneros dos quadrinhos. Com relação ao guia, temos a presença do discurso instrucional (de aconselhamento), caracterizado pela sequência textual injuntiva, na qual as orientações, sempre numa interlocução direta com o leitor, aparecem marcadas pelo uso de: verbos no modo imperativo e orações exclamativas, como se vê na orientação do quadrinho “1. **Escolha** bem suas roupas, **invista** alto no seu visual, **vista-se** cuidadosamente...pra parecer desleixado!” (FÉLIX, *MAD*, n. 47, p.24, abr.2012 - grifos nossos).

Em se tratando dos gêneros dos quadrinhos²³, notamos no “Guia MAD do hipster” (FÉLIX, *MAD*, n. 47, p.24, abr.2012) o predomínio do discurso humorístico e da sequência

acessórios antigos como chapéus fedora e óculos escuros modelo wayfarer. As calças skinny, poá e alguns padrões de xadrez são destaque em suas roupas. Gostam de contrariar as convenções sociais, têm antipatia pela cultura comercial dominante e procuram resgatar as culturas populares locais (CICARELLI, 2013).

²³ Em geral, *quadrinhos* ou *história em quadrinhos* (HQ) consistem em narrativas que articulam elementos verbais visuais e não verbais e que, comumente, apresentam-se configuradas em

textual narrativa com diálogo; o uso da linguagem que mescla signos verbais escritos e visuais, como a presença de: imagens desenhadas; personagens caricatas (fixas ou não); balões que representam falas ou pensamentos e linhas cinéticas que indicam movimento; cor (signo plástico); signos icônicos (abelha); sinais gráficos que realçam expressões (grifo e negrito nos termos “TRÊS HORAS”, primeiro quadrinho) e léxico característico (diferentes níveis de fala: “coisa”, “poseurs...” e “eca”).

No que tange ao estilo, o qual se vincula a unidades temáticas determinadas e composicionais, observamos o uso típico de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, em razão da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado.

Dentre os diferentes estilos existentes – oficial, objetivo-neutro e o familiar (FIORIN, 2006) –, os guias da *MAD* enquadram-se no familiar, em virtude de apresentarem uma linguagem informal, que aproxima intimamente os parceiros da interação. Dado que pode ser conferido nos exemplos já citados e nos que seguem:

(13) Se você é transexual, travesti, transformer ou trans qualquer coisa, decida logo no começo: ou você conta pra todo mundo logo de cara ou esconde o jogo até o final. Senão você fica com fama de ‘**Duas Caras**’ e **toma na tarraqueta**” (FREUNDT; RAMOS. Guia para sair campeão de um reality show, *MAD*, n. 35, p.41, fev. 2011 – grifos nossos)

(14) “Se você é daqueles que cantam no chuveiro e fingem tocar algum instrumento (**bronha não vale**) enquanto **lavam o rabo**, a *MAD* traz passo a passo pra você montar sua própria banda e sucesso, ficar milionário, engravidar alguma criatura, pagar pensão, perder tudo, **encher a cara** e terminar numa enfermaria do SUS”. (AMORIM. Como montar uma banda sem sair de casa, *MAD*, n. 42, p.20, out. 2011 – grifos nossos)

(15) “Depois de intermináveis **versinhos podres recheados de ou-ou-ou, ei-ei-ei e ai-ai-ai**, coloque umas **jumentices** como ‘fiquei te esperando no meu celular’, ‘como você e sua mãe

(sequências de) quadro(s). Tais considerações podem ser evidenciadas nas falas de Cagnin (1975) e Marcondes Filho (2009).

também’ ou ‘você roubou meu beijo e meu chiclete’” (AMORIM. Como montar uma banda sem sair de casa, *MAD*, n. 42, p.30, out. 2011 – grifos nossos)

Os excertos (13), (14) e (15) mostram o uso recorrente de um jargão peculiar. Trata-se de uma linguagem com construções inusitadas, repleta de gírias, termos chulos, ultracoloquial, livre de normas e sem pudor algum. A interação entre os parceiros é visivelmente íntima. As escolhas de recursos lexicais e fraseológicos singularizam esse gênero multimodal e híbrido no que se refere a sua construção estilística, a qual se distancia do estilo objetivo-neutro comum à linguagem técnica dos guias em gerais.

Partindo do exposto, podemos evidenciar a eficiência dos pressupostos bakhtinianos no processo de caracterização de gêneros e ressaltar como tal procedimento contribui para uma leitura mais aprofundada e crítica de cada gênero.

Além da abordagem humorística, vista pelo exagero, pelo tom de zombaria nas instruções/orientações, os guias da *MAD* configuram-se por meio de uma composição multimodal. Inserido em multissistemas, o gênero em análise mescla diferentes signos, dentre os quais destacamos: palavras, figuras, traços, cores, textura, movimento, forma, entonação de voz, expressão fisionômica.

Outro dado relevante do gênero caracterizado é sua composição híbrida, uma vez que é construído tendo por base a confluência de dois gêneros: guia e quadrinhos. Nesse caso, observa-se que a função sócio-historicamente constituída é a de guia, no entanto a estrutura (formato e elementos composicionais, como a presença das orientações emolduradas, balão, personagem fixa, etc.) é dos gêneros dos quadrinhos.

Referências

AMORIM. Como montar uma banda sem sair de casa. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 42, p.30-31, out.2011.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CALDWELL, J. O guia completo dos piores monitores dos acampamentos de férias. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 22, p.26-27, jan. 2010.

_____. Guia MAD para carreira de pedinte. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 38, p.20-21, mai.2011.

CARMELINO, A. C. Efeito de sentido humorístico e processo evenemencial. In: MOMESSO, M. R.; SCWARTZMANN, M. M; ABRIATA, V. L. R.; FERREIRA, F. A. (Org.). **Discurso e linguagens**: objetos de análise e perspectivas teóricas. Franca: Unifran, 2011, v. 6, p.55-74.

CICARELLI, C. Hipster, que diabo é isso? A tribo que o fashionistas adoram odiar. **VEJA SP**, São Paulo: Abril. Atualizado em 5.ago.2013. <http://vejasp.abril.com.br/materia/moda-hipster>. Acesso em 22.ago.2013.

CÍCERO. **De l' orateur**. Tradução de Edmond Courbaud. 4. ed. Paris: Les Belles Lettres, livre II, 1966.

FÉLIX, C. Guia MAD da mesquinha moderna. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 38, mai.2011, p.26-27.

_____. Guia MAD do hipster. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 47, p.24-25, abr.2012.

FÉLIX, C.; DAMBRO, D. Guia MAD das pulseirinhas do sexo. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 26, p.22-23, mai.2010.

FÉLIX, C.; NETO, N. Guia escolar MAD para evitar o Bullying! **MAD**, São Paulo, Panini, n. 31, p.40-41, out. 2010.

FÍ. Guia MAD para sobreviver ao Carnaval. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 23, p.38-39, jan. 2010.

FICARRA, J. **Totally MAD**: 60 years of humor, satire, stupidity and stupidity. New York: Time Home Entertainment, 2012.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

HAMILTON, T.; KEIL, K. Guia MAD para Smartphone. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 52, p.13-15, out.2012.

JACKSON. Guia ENEM fodendo. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 34, p.31, jan.2011.

_____. Guia MAD para disfarçar espinhas. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 39, p.26-27, jul.2011.

_____. E aí? Como faço pra me virar na balada? **MAD**, São Paulo, Panini, n. 40, p.22-23, ago.2011.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. New York: Routledge, 1996.

_____. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication.** London: Oxford University Press, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola, 2010.

MARCONDES FILHO, C. **Dicionário de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

NASCIMENTO, I; LIRA, D. Como fazer uma novela dazoitu de sucesso? **MAD**, São Paulo, Panini, n. 42, p.34-35, out.2011.

QUINTILIANO. **Institutio oratória**, 4. v. London: Paul Shorey, 1920.

PIERROT, A. H.; AMOSSY, R. **Estereotipos y clichês.** Buenos Aires: Eudeba, 2001.

PROPP, W. **Comicidade e riso.** São Paulo, Ática, 1992.

RAMOS, J. P.; FREUNDT, V. Guia para sair campeão de um reality show. **MAD**, São Paulo, Panini, n. 35, p.40-41, fev.2011.

SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso.** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2002.